

Um objeto de permanências e transformações, feito para o diálogo

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana Salazar. **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011. 176 p. ISBN: 978857244639-6.

José de Souza Muniz Júnior

Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, 05508-020, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: jmunizjr@gmail.com

Dentro do amplo espectro a que podemos, muito precariamente, pôr o rótulo de “Análise de Discurso”, não são muitos os livros que, como este *Fórmulas discursivas*, conseguem aliar tão bem a reflexão teórica consistente, renovada, ao estudo empírico de materiais linguísticos recolhidos de diversificados âmbitos de circulação. Salta à vista o modo como os autores reunidos na coletânea convergem para a teorização e análise de um mesmo tipo de fenômeno discursivo em *corpora* de diferentes tipos e domínios, o que atesta a produtividade desse recorte no âmbito dos estudos discursivos e nas áreas das ciências humanas e sociais que possam dele fazer proveito.

Essa multiplicidade fica evidente logo no início do livro, com os textos dos dois autores franceses que compõem o volume: Alice Krieg-Planque e Dominique Maingueneau. É em torno dos conceitos desenvolvidos por ambos que se desdobram os outros capítulos, de autores brasileiros de várias instituições, muitos dos quais integrantes do Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos: teoria e análise (FEsTA), sediado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp), coordenado pelo professor Sírio Possenti, também presente no livro.

O primeiro texto é o da professora Alice Krieg-Planque, que numa entrevista a Philippe Schepens fala de sua trajetória de pesquisa e discute alguns dos conceitos que balizam suas investigações. Da perspectiva de que fala, a partir de um aporte bakhtiniano e buscando relações entre a Linguística e outras disciplinas, a autora desenvolve novos conceitos produtivos para a área (*contradiscurso* e *interpretante razoável*, dentre outros). Os estudiosos da AD, área pouco afeita ao tratamento quantitativo ou da combinação deste à análise qualitativa (oposição que a própria pesquisadora rejeita), encontram no trabalho de Krieg-Planque um modo original de

tratar *corpora* extensos. Aos pesquisadores da área de Comunicação, parece também proveitoso a definição de comunicação como “a antecipação das práticas de retomada, de transformações e de reformulação dos enunciados e de seus conteúdos” (p. 26).

Em seguida, vem a contribuição do professor Dominique Maingueneau – já bastante conhecido entre nós e presença constante em cursos, simpósios e congressos no Brasil. Em seu capítulo, “A aforização proverbial e o feminino”, ele desenvolve, principalmente a partir dos conceitos de *aforização* e *hiperenunciação* (este já explicitado em seu *Cenas da enunciação*), uma análise de provérbios sobre mulheres. A comédia teatral francesa dos séculos XVII e XVIII, particularmente a obra *Escola de mulheres*, de Molière, serve ao autor como caso exemplar do modo como o feminino é aforizado, considerando o cruzamento de vozes que, no teatro, emerge a partir do que Maingueneau chama de *arqui-enunciador* (p. 56).

Aos pesquisadores brasileiros que compõem o livro a partir daqui, coube a análise de uma multiplicidade de objetos e *corpora*, de domínios tão diversos quanto possa ser a abrangência da perspectiva discursiva para desvendar o modo de inscrição do social na linguagem e vice-versa. O jornalismo, a publicidade, a política, a música e a religião foram alguns dos campos eleitos para a aplicação de conceitos que, embora sejam fundamentalmente provenientes dos autores franceses que abrem o volume (em Krieg-Planque, *fórmula*, e em Maingueneau, *aforização*), provam suficiente operacionalização para dialogar prolificamente com outros quadros teóricos dentro dos estudos da linguagem – de Bakhtin e Pêcheux a Greimas e Authier-Revuz.

No texto de Sírio Possenti, fica patente a utilidade do estudo das fórmulas para analisar não apenas enunciados repetidos, mas também aqueles que

surgem, transformados, a partir de outros preexistentes. Fazendo referência a um extenso rol de fórmulas alteradas, predominantemente com efeito humorístico, o autor assinala a *participação* (outro conceito de Maingueneau) como estratégia discursiva predominante nos dias de hoje. Em seu artigo e nos que o seguem, a fórmula é um conceito aplicado não apenas para apreender aquilo que permanece, como resíduo ou ponto estático, pétreo da língua, mas também como algo passível de mudança e de polêmica, de alteração e abalo de certas ordens sócio-discursivas constituídas. Esse conjunto abarca os preconceitos e insistências, mas também as resistências e as contestações.

Sem a pretensão de esgotar todos os temas abordados no livro, é possível dizer que um dos pontos fortes da coletânea organizada por Ana Raquel Motta e Luciana Salazar Salgado é mostrar como a noção de *fórmula* se faz útil tanto para os estudos que buscam no discurso a permanência como para aqueles que têm como foco a transformação. Nesse sentido, esse aporte teórico parece dar conta da relação entre língua e história, cara à AD, dentro daquilo a que se propõe.

A supracitada diversidade de objetos, enfoques e cruzamentos teóricos também atesta a produtividade dos estudos sobre fórmulas discursivas para outras disciplinas, como a História, a Comunicação, a Educação e a Sociologia. Tal como é apresentada neste volume, essa temática parece reafirmar a importância de que a Análise do Discurso não perca o caráter transdisciplinar que está na base de sua formação e consolidação. Esse é, afinal, o requisito

para que ela possa dar conta de *corpora* provindos dos mais diversos domínios do conhecimento onde as fórmulas se fazem presentes e mostram a necessidade de elucidação.

Por fim, vale uma ressalva: ainda que não esteja em seu horizonte de expectativas e resultados, *Fórmulas discursivas* deixa de lado a análise de *corpora* visuais e verbovisuais. Seria a noção de *fórmula* aplicável apenas às frases feitas, provérbios, *slogans*, máximas, bordões, lições, manchetes e citações, fenômenos de que falam os pesquisadores que contribuíram para o livro? Parece-me que não. Longe de significar a insuficiência dos conceitos aqui mobilizados para estudos que se debrucem sobre *corpora* imagéticos, essa ausência deixa entrever uma possibilidade, uma abertura (intento em que a Semiótica e a Estética provavelmente estão em condições de contribuir). É a abertura que, no final das contas, a própria Análise do Discurso ainda não deu conta de cobrir (e talvez nem seja essa sua finalidade).

O livro, enfim, não esgota o tema e abre-se ao contato com outras áreas, denotando um esforço para não cristalizar-se e por manter em evidência a vocação da AD para o diálogo.

Received on July 11, 2011.

Accepted on July 28, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.